



Programa Revitalização de Nascentes

Subsídio para Educação Ambiental



Caderneta de Registro do Aluno

A Prefeitura de São José dos Campos, por meio da Secretaria de Urbanismo e Sustentabilidade (SEURBS), desenvolve o Programa Revitalização de Nascentes, visando realizar um trabalho de proteção e conservação de nascentes localizadas em áreas públicas urbanas, em parceria com a comunidade local, outras secretarias, instituições e empresas.

Esta publicação deve servir de suporte para o desenvolvimento das atividades de Educação Ambiental nas escolas envolvidas no Programa.



PREFEITURA
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

SUMÁRIO

Atividades didáticas

1. Nascentes.....	6
2. Biodiversidade, equilíbrio ambiental e reflorestamento	8
3. Localização das nascentes.....	10
4. Visita para verificar a situação da nascente	11
4.1 Planilha para estudo de campo da nascente.....	12
4.2 Resultados da análise de água.....	13
5. Qualidade da água.....	15
5.1 Variáveis da água.....	17
6. Acompanhamento Pós-Plantio	18
6.1 Sugestão de perguntas para entrevista	18

Educomunicação

1. Educomunicação.....	20
2. Educomunicação na prática	21
2.1 A ação educucomunicativa.....	21
2.2 Educomunicação e linguagens midiáticas.....	21
2.3 Metodologia de trabalho.....	22
3. Produção Audiovisual	24
3.1 O que é e por que escrever um roteiro audiovisual	24
3.2 Como fazer um roteiro de vídeo.....	25
3.3 Modelo	27
4. Dicas importantes.....	28
4.1 Sobre a linguagem falada	28
4.2 Sobre a mensagem do vídeo.....	28
4.3 Sobre o áudio ou som.....	29
4.4 Sobre edição e montagem do vídeo	29
5. Atividades	30

INTRODUÇÃO

Esta publicação foi organizada no âmbito do Programa Revitalização de Nascentes, desenvolvido pela Prefeitura de São José dos Campos com o objetivo de proteger e conservar nascentes localizadas em áreas públicas do município, em conjunto com a comunidade local e instituições parceiras.

O município de São José dos Campos promove desde 2006 a revitalização de 36 nascentes, localizadas em áreas públicas urbanas, por meio da revegetação de suas Áreas de Preservação Permanentes (APP). Dessa forma, procura contribuir, mediante ações locais, para a melhoria das condições da Bacia do Rio Paraíba do Sul.

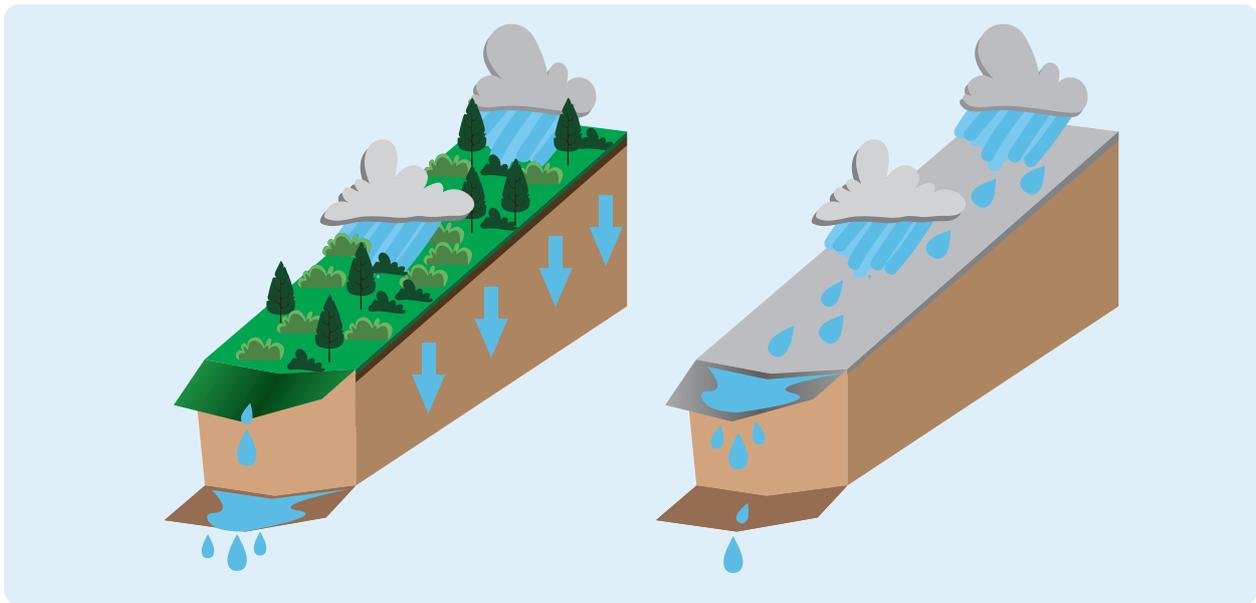
Este caderno oferece a possibilidade da realização de várias atividades didáticas relacionadas com a preservação das nascentes. Estudantes e professores poderão, conjuntamente, compreender que ações podem contribuir para a preservação colaborativa e comunitária do cuidado das matas ciliares, do solo e da qualidade da água presente nos córregos urbanos de nossa cidade.

Desde 2010, a Prefeitura de São José dos Campos passou a adotar o conceito de Educomunicação para fundamentar as ações do Programa Revitalização de Nascentes. Cursos de formação em Educomunicação e capacitação técnica em linguagem audiovisual foram oferecidos aos professores e alunos multiplicadores. De 2010 a 2019 foram promovidas as “Mostras de Vídeos Ambientais”, eventos nos quais as produções audiovisuais elaboradas pelos estudantes foram socializadas. No total foram produzidos 110 vídeos de curta duração que traduzem a perspectiva do trabalho desenvolvido em relação à recuperação e preservação das áreas no entorno das nascentes.

Considera-se que nesse processo os estudantes são protagonistas, uma vez que podem contribuir enquanto agentes disseminadores da importância da conservação das nascentes. Apresentamos este material com o intuito de subsidiar a atuação dos estudantes no âmbito do Programa Revitalização de Nascentes.



Atividades didáticas



1. Nascentes

Objetivo

Agir de forma atuante no projeto revitalização de nascentes.

Proposta

Observe como ocorre, na terra, a infiltração de água que vai abastecer os lençóis subterrâneos e formar as nascentes. Perceba a importância da vegetação para garantir esse processo.

Material necessário

- Maquete da nascente
- Quatro recipientes para coleta de água
- Regador ou similar

Procedimento

Defina o que vem a ser uma nascente e procure compreender por que o local onde ela surge é considerado área de preservação permanente (APP).

Escreva em poucas palavras de onde vem a água das nascentes.

Observe as duas partes da maquete e relacione as diferenças que há entre elas.

- Posicione os recipientes para coleta de água debaixo de cada uma das calhas da maquete.
- Com o regador, simule uma chuva sobre as duas partes da maquete, jogando o mesmo volume de água em cada lado. Observe o que ocorre e anote.
- Fique atento para a água que escorre em cada uma das calhas. Observe cor, volume, velocidade, infiltração no solo etc.

Descreva o que você observou

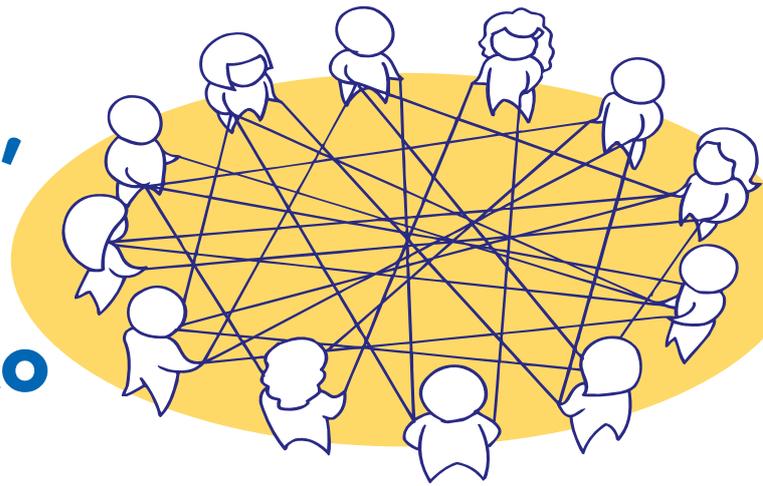
Na maquete com vegetação:

Na maquete sem vegetação:

Após as observações, debata com seus colegas o papel da vegetação na formação das nascentes e na proteção do solo.

Faça o registro da conclusão do grupo:

2. Biodiversidade, equilíbrio ambiental e reflorestamento



Objetivo

- Agir de forma atuante no projeto.
- Revitalização de Nascentes.

Proposta

- Compreender a importância da biodiversidade no equilíbrio do ecossistema.
- Compreender a importância de um reflorestamento planejado, de modo a restabelecer esse equilíbrio.

Material necessário

- Rolo de barbante
- Crachá de papel
- Cinco bexigas cheias
- Alfinetes ou fita adesiva

Procedimento

- Fazer um crachá (sugestão: ¼ de folha sulfite) escrevendo o nome de um componente da natureza que cada um deseja representar, fixando-o no peito com a fita adesiva ou alfinete.
- Formar um círculo com todos os colegas da sala, postando-se ombro a ombro. Seguir as instruções do professor.
- Agora, registre o que foi discutido.

Qual o significado de cada fio que liga um componente ao outro?

O que está sendo representado pelas bexigas cheias sobre a teia formada pelo conjunto de fios?

Faça o registro da conclusão do debate.

O que pode causar o desequilíbrio em determinado ambiente?

Cite algum fato vivenciado por você ou alguém conhecido que possa servir de exemplo de desequilíbrio ambiental.

Discuta com os colegas e tente descrever o que é o reflorestamento heterogêneo, recomendado para a área a ser revitalizada.

Converse com os colegas e relacione alguns benefícios imediatos e futuros que a comunidade pode ter com a recuperação da área de uma nascente próxima de sua escola ou em seu bairro.

3. Localização das nascentes

Objetivo

- Saber quais são as nascentes que estão em áreas públicas.
- Identificar aquelas que estão mais próximas de sua casa e de sua escola.
- Pensar no que você pode fazer para preservá-las.

Use o código QR ou o link para acessar:



Acesse o site e visualize o mapa que destaca as nascentes e as escolas do PRN.

<https://nascentes.sjc.sp.gov.br/as-nascentes/>



Conheça um pouco mais sobre o Programa Revitalização de Nascentes. Acesse o passo-a-passo para conhecer virtualmente a nascente próxima a sua escola.

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLS-cA6TnJkLgTJ-uDJSVsNumc1NUltTjqKSn_g3yvLFI-S-9Ncw/viewform





4. Visita para verificar a situação da nascente

Objetivo

Conhecer a nascente mais próxima de sua escola, para avaliar a situação em que se encontra e planejar as ações necessárias para a revitalização.

Material necessário

- Vestimenta adequada (boné, calça comprida, calçado fechado e confortável)
- Kit para análise da água
- Máquina fotográfica (se possível)
- Água para beber

Procedimento

Caminhar até a nascente, com o professor responsável e técnicos da Secretaria de Urbanismo e Sustentabilidade. Observar todo o percurso e os arredores da nascente. Anotar, fotografar ou desenhar tudo que chamar sua atenção.

Percurso

4.1 Planilha para estudo de campo da nascente

Sobre a área da nascente, siga as orientações da planilha a seguir e faça anotações:

Nascente:	
Data: ____/____/____	Coordenadas X: _____ y: _____
Observar	Anotações
Estado da nascente	
Vegetação na área da nascente (rasteira ou arbórea e quantidade)	
Vegetação na calha (rasteira ou arbórea e quantidade)	
Presença de lixo	
Assoreamento	
Erosão	
Compactação do solo	
Área de encharcamento	
Animais silvestres	
Animais domésticos	
Presença de cupins e formigas cortadeiras	
Tubulação de água de chuva	
Vestígios de esgoto	



- Faça a coleta da água da nascente. Use o kit fornecido pelo projeto, e com a orientação do técnico da Secretaria de Urbanismo e Sustentabilidade, realize as análises.
- Não se esqueça de registrar os resultados de todos os parâmetros medidos, para depois discutir com o grupo, durante as aulas.
- Estão previstas pelo menos 4 análises de água com uma periodicidade de 6 meses.

4.2 Resultados da análise de água

Nascente:					
Parâmetros	Resultados obtidos				Observações
	Data / /	Data / /	Data / /	Data / /	
Turbidez (jtu)					
pH					
Nitrato (ppm)					
Fosfato (ppm)					
OD (ppm)					
DBO (ppm)					
Coliformes					
Temperatura ambiente (°C)					
Temperatura da água (°C)					
Cor					

ATIVIDADES DIDÁTICAS

Qual é a sua contribuição desta nascente para a manutenção do Rio Paraíba do Sul?

Discuta com o grupo a situação da nascente, para determinar os responsáveis pela sua degradação e definir o que deve ser feito para garantir a revitalização.

Qual deve ser sua contribuição para este projeto de revitalização?

Enumere os benefícios decorrentes da revitalização dessa área e reflita sobre eles.



5. Qualidade da água

Objetivos

Conhecer algumas das variáveis usadas para analisar a qualidade da água e, deste modo, reconhecer as causas das alterações e suas consequências.

Material necessário

- Caderneta com registros do trabalho de campo
- Resultados da análise da água realizada com o kit fornecido pelo projeto.

Procedimento

Discuta com o grupo o que deve ser entendido por "qualidade da água", considerando várias situações, inclusive a nascente.

Registre suas conclusões

Relacione pelo menos cinco atividades de nosso dia a dia que estão contribuindo para a degradação do Rio Paraíba do Sul.

ATIVIDADES DIDÁTICAS

Discuta com o grupo o significado de cada uma das variáveis analisadas. Registre as possíveis causas e consequência das alterações.

Variáveis	Causas das alterações	Consequências das alterações
Turbidez (jtu)		
pH		
Nitrato (ppm)		
Fosfato (ppm)		
OD (ppm)		
DBO (ppm)		
Coliformes		
Temperatura ambiente (°C)		
Temperatura da água (°C)		
Cor		

5.1 Variáveis da água

Turbidez

Representa o grau de interferência sofrida pela passagem da luz através da água, conferindo-lhe uma aparência turva. A turbidez é causada por matérias sólidas em suspensão como argila, organismos patogênicos, compostos tóxicos, matéria orgânica.

PH

Por meio da medida do pH, fica determinado se a água é ácida ou básica. Águas naturais tendem a manter o pH em torno de 7 – neutro. Os principais fatores que determinam o pH da água são o gás carbônico dissolvido e a alcalinidade. O pH das águas varia geralmente entre 5,5 e 9,0. Contudo, a presença de poluentes muda o pH da água, afastando-o desse valor.

Nitrato

São diversas as fontes do nitrato presente nas águas naturais. Os esgotos sanitários constituem, em geral, a principal fonte. Alguns efluentes industriais também concorrem para as descargas de nitrogênio orgânico e amoniacal das águas, como de algumas indústrias químicas, petroquímicas, siderúrgicas, farmacêuticas, de conservas alimentícias, matadouros, frigoríficos e curtumes. Nas áreas urbanas, as drenagens de águas pluviais, associadas às deficiências do sistema de limpeza pública, constituem uma outra fonte.

Fosfato

Os fosfatos estão relacionados ao desenvolvimento de microorganismos, estimulando ou inibindo principalmente o crescimento de algas. Um alto nível de fosfato pode ser o fator de persistentes problemas com algas, o que é mais comum em lagos e reservatórios.

OD (Oxigênio Dissolvido)

O oxigênio proveniente da atmosfera se dissolve nas águas naturais, devido à diferença de pressão parcial. Esse parâmetro é de essencial importância para os organismos aeróbios – que vivem na presença de oxigênio.

DBO (Demanda Bioquímica de Oxigênio)

A DBO é a quantidade de oxigênio necessária para oxidar a matéria por decomposição microbiana aeróbia, para uma forma inorgânica estável". Quanto maior a carga de poluição orgânica em um corpo d'água, maior o número de bactérias que utilizam o oxigênio dissolvido na água para metabolizar aquela matéria orgânica. Isso quer dizer que quanto maior a concentração de poluentes, menor a concentração de oxigênio dissolvido.

Coliformes

As bactérias são consideradas os principais indicadores de contaminação fecal, ou seja, indicam se a água foi contaminada por fezes e, em decorrência disso, apresenta uma potencialidade para transmitir doenças de veiculação hídrica, tais como febre tifóide, febre paratifóide, disenteria bacilar e cólera.

Temperatura

A temperatura desempenha o papel principal no controle do meio aquático, condicionando as influências de uma série de parâmetros físicos e químicos. Organismos aquáticos possuem limites de tolerância térmica superior e inferior, temperaturas ótimas para crescimento, temperatura preferida em gradientes térmicos, e limitações de temperatura para migração, desova e incubação do ovo.

Cor

A cor da água é consequência de substâncias dissolvidas nela. Quando pura, e em grandes volumes, a água é azulada. Quando rica em ferro, é arroxeadada. Quando rica em manganês, é negra. Quando rica em ácidos húmicos, é amarelada. E quando está contaminada por esgoto doméstico, é acinzentada. Para ser potável, a água não deve apresentar nenhuma cor. O problema maior de coloração na água, em geral, é o estético, já que causa um efeito repulsivo nos consumidores.



6. Acompanhamento Pós-Plantio

Objetivo

Fazer avaliação periódica do estado de desenvolvimento das árvores e do processo de recuperação da área da nascente.

Material necessário

- Ficha de campo
- Máquina fotográfica (se possível)
- Vestimenta adequada (boné, calça comprida, calçado fechado e confortável)
- Kit para análise da água

Procedimento

- Sempre acompanhado de professores e servidores, realizar visitas periódicas para avaliar a situação da para da nascente em recuperação.
- Fazer registros por escrito na planilha de campo e fotografar (se possível).
- Entrevistar os moradores locais.
- Realizar a análise da água.

6.1 Sugestão de perguntas para entrevista

- O que você achou da iniciativa de revitalizar essa nascente?
- Que benefícios o desenvolvimento do projeto trouxe ou deve trazer?
- Como cada morador pode contribuir para que a área que está sendo revitalizada não seja novamente degradada?
- O que pode ser feito nesta área em benefício da comunidade depois do processo de revitalização?
- Debater com o grupo o progresso do projeto de revitalização e a importância da participação de todos: poder público, alunos, professores, comunidade.
- Elaborar um relatório do grupo e encaminhar, com a análise da água, para a Secretaria de Urbanismo e Sustentabilidade.

Educomunicação



1. Educomunicação

Você já ouviu falar de Educomunicação?

Sabe o que esse termo significa?

Conhece as suas práticas?

Se você está pensando em algo como “educação para a comunicação” ou “comunicação para a educação”, começou bem. Você está no caminho certo! Na verdade, as duas definições estão corretas e se complementam. O conceito de Educomunicação, aliás, vai além.

2. Educomunicação na prática

Quando reunimos pessoas para discutir o papel dos meios de comunicação de massa em nossa sociedade, analisando criticamente as mensagens da mídia, estamos fazendo **educomunicação**.

Quando nos apoderamos das ferramentas de comunicação com o objetivo de produzir nossas próprias mensagens e de criar canais de expressão mais democráticos, exercitando, assim, a nossa cidadania, estamos fazendo **educomunicação**.

Quando tomamos iniciativas em defesa do direito à liberdade de expressão e do direito à informação, mobilizando recursos humanos e materiais em torno de um ideal humanístico, liderando esse processo de forma democrática e participativa, estamos fazendo **educomunicação**.

Quando usamos o nosso corpo para se comunicar, expressando sentimentos e disseminando valores ligados à solidariedade e à justiça social por meio da dança, do teatro, da música, do desenho, da pintura, estamos fazendo **educomunicação**.

Até mesmo quando nos dedicamos ao estudo e à análise de teorias e práticas educacionais, para compreender e fazer compreender a natureza desse novo campo de conhecimento, estamos fazendo **educomunicação**.

2.1 A ação educacional

Podemos chamar de ação ou intervenção educacional toda iniciativa tomada com o objetivo de estimular o pensamento crítico de crianças, jovens e adultos frente ao universo midiático e defender a democratização do acesso às tecnologias e linguagens midiáticas, tendo em vista o exercício e a aprendizagem do direito à informação e à liberdade de expressão.

Trata-se, portanto, de um aprendizado sistemático da vida em sociedade e da tomada de decisões coletivas. Por isso dizemos que a produção midiática em espaços educativos, na perspectiva da Educomunicação, é um exercício de democracia e, portanto, uma ação política.

O exercício da democracia, no entanto, não é fácil. Estamos falando do desenvolvimento da capacidade de negociação dos indivíduos em espaços plurais, isto é, em espaços nos quais diferentes visões da realidade entram permanentemente em jogo e geram conflitos.

A escola é um espaço plural. Nela, como em toda a sociedade, encontramos uma grande diversidade de histórias pessoais, de opiniões, de necessidades e de interesses.

Nesse contexto, uma intervenção educacional não deve ter a pretensão de eliminar as divergências no interior da escola ou da sociedade, mas pode ser uma estratégia para que essas divergências sejam reconhecidas e respeitadas.

2.2 Educomunicação e linguagens midiáticas

Uma rádio ou um jornal escolar, por exemplo, podem contribuir para o desenvolvimento da capacidade de expressão oral e escrita dos educandos, podem promover o diálogo entre os vários segmentos da escola, despertar a criatividade e estimular o trabalho colaborativo.

No âmbito do Programa Revitalização de Nascentes, filmadoras e câmeras digitais são assimiladas para além de sua função instrumental.

Dessa forma, a produção audiovisual dentro do ambiente escolar, quando voltada para as questões ambientais, contribui para o empoderamento de professores e alunos frente ao universo midiático e para a mudança de atitudes em relação aos outros alunos e ao meio ambiente.

2.3 Metodologia de trabalho

A produção midiática (programas de rádio, jornais murais, fanzines, exposições fotográficas, vídeos etc.) proporciona a realização de vários tipos de intervenção no espaço escolar.

Para garantir que todos tenham a oportunidade de participar, sugerimos que as pessoas envolvidas com o processo de produção audiovisual no âmbito do Programa Revitalização de Nascentes respeitem as seguintes etapas de trabalho:



A) Escolha e abordagem do tema:

Momento em que as pessoas – educadores e educandos - discutem democraticamente os assuntos que serão abordados na produção e a forma como esses assuntos serão tratados: em forma de reportagem jornalística, de documentário ou de ficção?

Algumas perguntas deverão nortear esse momento de discussão: *para que serve o que estamos fazendo? O que nós sabemos sobre esse assunto? O que devemos pesquisar? O que é uma fonte de pesquisa confiável? Com quem podemos falar? Para quem estamos dirigindo nossa produção? O que podemos e o que não devemos fazer para chamar a atenção? Que reações queremos provocar?*

B) Pré-produção:

Nessa etapa, o produto começa a tomar forma. A elaboração de um planejamento, ou seja, de um **roteiro para audiovisual**, é fundamental. Por isso, **aprofundaremos o conhecimento técnico sobre essa etapa mais adiante.**

Por ora, lembramos que os educandos precisam assumir o papel de protagonistas desse processo, trabalhando em equipe, dividindo funções e assumindo responsabilidades com a orientação e o apoio dos educadores.

C) Produção: trabalho de preparação, captação e edição de imagens.

Envolve a escolha dos atores, montagem de cenários e figurinos para a ambientação dos personagens, captação e edição de materiais (imagens e sons), para a construção da narrativa audiovisual. É o momento de máxima concentração da equipe para que o trabalho saia como planejado.

D) Avaliação:

É o momento em que o grupo analisa o resultado de todo o trabalho.

O que ficou bom?

Qual foi a reação do público? O que pode ser melhorado da próxima vez?

A avaliação também deve considerar o processo: *como o grupo desempenhou todas as etapas de trabalho? Como as pessoas se relacionaram umas com as outras? Todas as opiniões foram consideradas? As diferenças foram respeitadas? Todos colaboraram para que o grupo alcançasse o objetivo? Individualmente, o que cada um aprendeu? O que pretende fazer melhor na próxima oportunidade?*

Reportagem Jornalística

Narrativa audiovisual usada para relatar um fato recente e de interesse público imediato. É protagonizada pelas pessoas ligadas ao acontecimento e seu contexto específico. Inclui observações diretas do repórter ou jornalista.

Documentário

Narrativa audiovisual que explora recursos como entrevistas, imagens de arquivo, locuções, reportagens antigas sobre fatos ou acontecimentos reais que despertam interesse continuado, duradouro.

Ficção

Narrativa audiovisual que faz uso da dramaturgia, isto é, da encenação, investindo na caracterização de personagens e em cenários para contar uma história sem compromisso com o real.

3. Produção Audiovisual

Precisamos ter em mente que **por trás de um vídeo existe sempre uma intencionalidade**. Em outras palavras, quando produzimos um audiovisual, somos responsáveis pela mensagem que ele carrega.

Então, o que seria melhor: tomar decisões isoladas, impor nossas opiniões ao grupo, omitir-se e aceitar qualquer opinião ou decidir coletivamente sobre o conteúdo da mensagem - exercitando o respeito e a tolerância, exercitando a argumentação – para, juntos, dividirmos a reponsabilidade?

Quando adotamos a Educomunicação, optamos pela última postura, ou seja, pela decisão democrática. Por isso, voltamos a afirmar: **uma ação ou intervenção educacional é um exercício do direito à liberdade responsável de expressão**.

3.1 O que é e por que escrever um roteiro audiovisual

Um roteiro de vídeo é uma descrição detalhada de todos os elementos do filme – personagens, ambientes, ações, recursos sonoros e visuais etc. – **primeiramente, passa apenas em nossas cabeças**.

O roteiro funciona como um guia. Nele traçamos o caminho que precisamos percorrer para chegar aonde imaginamos.

A seguir, apresentamos alguns motivos para o grupo não cair na tentação de pular essa etapa:



- Confiar apenas na memória para realizar um vídeo pode gerar grandes prejuízos, provocando frustrações e conflitos entre os colegas.
- Os efeitos colaterais do nervosismo e da timidez, gagueira, erros de fala ou “apagão”, são muito mais recorrentes quando não elaboramos um roteiro prévio.
- A elaboração de um roteiro ajuda a evitar vícios de linguagem, como “ehhhh”, “tipoooo”, além de repetição de palavras ou falta de coerência enquanto gravamos. Com a edição do vídeo, podemos corrigir boa parte desses deslizes, mas estamos falando de um trabalho que demanda muito tempo e paciência.

- Às vezes não dá para corrigir erros com os recursos de edição. Nesse caso, o vídeo terá que ser gravado novamente ou ficará prejudicado para sempre.
- Um roteiro bem escrito também contribui para organizar o trabalho da equipe, lembrando cada um de suas funções e responsabilidades para evitar outros problemas, como o esquecimento de objetos para a composição de uma cena, de equipamentos para a gravação ou, simplesmente, da captação de imagens (tomadas) importantes.

Em síntese, **um roteiro dá segurança ao grupo durante todo o processo de produção** do vídeo. Com o roteiro em mãos, as pessoas podem manter o foco na gravação sem se preocupar tanto com o conteúdo, tomando consciência da dimensão espacial e temporal de cada cena, com mais liberdade para cuidar da entonação de voz, da linguagem corporal e até mesmo para criar, improvisar.

3.2 Como fazer um roteiro de vídeo

Depois de reunir o grupo e esgotar a discussão sobre o tema da produção audiovisual, é hora de colocar as ideias no papel, construir as cenas e os diálogos, definir a duração de cada tomada, descrever cenários e figurinos.

Para facilitar o trabalho de produção, dividimos o roteiro em partes.

Cada parte equivale a uma cena. Cada cena é identificada por um cabeçalho. E no cabeçalho inserimos as seguintes informações:

- Sequência (numeração da cena);
- Local da gravação (espaço interno ou externo);
- Período de gravação (durante o dia ou à noite);
- Posicionamento inicial da câmera (aberta ou fechada) e enquadramento (plano)

Exemplo:

Cena 1 – Interna – Dia

Câmera aberta – Plano Geral

Câmera aberta: distanciamento da câmera para se obter uma visão ampla do ambiente filmado e do(s) personagem(ns).

Câmera fechada: aproximação da câmera, permitindo uma visão parcial do ambiente filmado ou do(s) personagem(ns), dando ênfase para certos detalhes.

Depois do cabeçalho, então, descrevemos o que será gravado e como, detalhando o que cada personagem vai falar, o que irá vestir e como deverá agir durante a gravação para que a cena saia como foi imaginada.

Incluímos, também, os movimentos de câmera: maior aproximação ou distanciamento, inclinação.

A **câmera alta**, por exemplo, ao focalizar uma pessoa **de cima para baixo**, coloca-a em posição de inferioridade. O distanciamento da câmera contribui para diminuir o tamanho e a importância da pessoa.

A **câmera baixa**, permitindo a visão **de baixo para cima**, dá a impressão de superioridade. A proximidade da câmera aumenta o tamanho e a percepção de valor da pessoa.

Não podemos esquecer, ainda, os efeitos sonoros, identificando suas características e o momento de entrada e saída dos mesmos.

Movimentos de câmera e enquadramentos

Plano geral (PG): plano aberto, no qual temos uma visão abrangente e predominante do cenário. Esse tipo de plano permite visualizar a posição dos personagens.

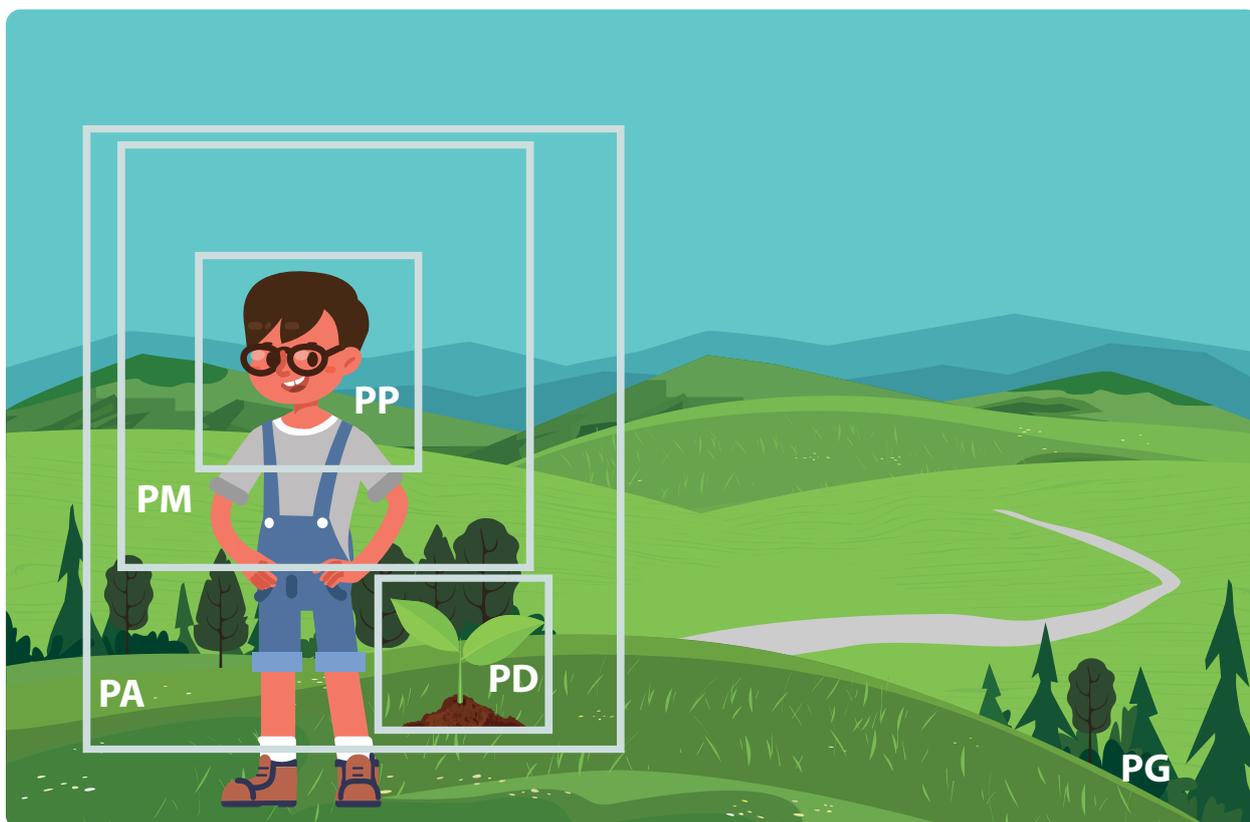
Plano de conjunto (PC): plano usado para dar ênfase à interação entre os personagens, ao coletivo.

Plano detalhe (PD): focaliza e amplia parte de um objeto ou de um corpo com o propósito de enfatizá-la.

Plano americano (PA): visão parcial do personagem (da altura do joelho até a cabeça). Esse plano permite explorar os gestos corporais e a movimentação espacial do personagem.

Plano médio (PM): visão parcial do personagem (da cintura para cima) com o objetivo de chamar a atenção para a sua fala ou discurso. Nesse plano, a expressão facial tem uma importância discreta. É o plano mais usado em telejornais e cenas de diálogo.

Primeiro plano (PP) ou *close-up*: destaque para a expressão facial com o objetivo de captar a emoção do personagem. É um recurso muito usado em narração.



As cenas não precisam ser escritas na sequência em que serão gravadas. Depois de tomar as decisões mais importantes e fazer as escolhas de forma democrática, o grupo pode dividir o trabalho de escrita do roteiro, tomando o cuidado de inserir os cabeçalhos para identificar corretamente cada cena.

A fragmentação do roteiro, isto é, a divisão do mesmo em partes relativamente independentes, permite que o grupo tenha, inclusive, flexibilidade no momento de montar o vídeo.

3.3 Modelo

CABEÇALHO			
DURAÇÃO	ELEMENTOS VISUAIS	ELEMENTOS TEXTUAIS	ELEMENTOS SONOROS

A divisão do roteiro em colunas verticais facilita a leitura da cena, pois permite enxergar cada elemento separadamente sem perder a noção do todo. Mas, para funcionar, é importante cuidar do alinhamento horizontal desses elementos.

Que tal experimentar o modelo de roteiro apresentado? A proposta é descrever a ação na qual estamos inseridos no presente como se ela fizesse parte de um filme. Para começar, precisamos escolher um ponto de vista, isto é, um posicionamento hipotético da câmera.

4. Dicas importantes

4.1 Sobre a linguagem falada

Geralmente, a maneira como falamos é muito diferente da forma como escrevemos. Ao redigir o roteiro, no entanto, temos que aproximar a escrita da fala. Afinal, **um roteiro de vídeo não é para ser lido, mas estudado com antecedência** para orientar a fala e os gestos do ator durante a gravação.

A linguagem formal, nesse caso, é substituída por frases e expressões que usamos no dia a dia. Pequenos erros de português são até aceitáveis para que a fala pareça o mais natural possível.

A espontaneidade e a naturalidade são fundamentais para cativar e convencer o telespectador. E alcançamos isso quando estamos seguros diante da câmera. A segurança, por sua vez, é dada pelo roteiro. Daí a sua importância!

Caso precise mesmo de um apoio, coloque a câmera a uma distância razoável para que o telespectador não perceba quando o seu olho está focado na lente ou um pouco virado para o lado (para o roteiro).

Quando aceleramos muito a fala ou falamos demais, o telespectador não entende o que está sendo dito ou não consegue acompanhar o raciocínio. Mas, se falamos muito devagar e espaçadamente, irritamos o telespectador e dispersamos o público. É preciso buscar o equilíbrio.

Para saber se as palavras escolhidas fazem sentido, se parecem naturais quando faladas, **recomendamos estudar o texto em voz alta antes da gravação**. Caso se perceba que erros de fala estão sendo cometidos repetidamente em certa passagem do texto, é melhor retirar o trecho ou reescrever a ideia.

Por fim, lembremos do ditado popular: “uma imagem equivale a mil palavras”. Então, tudo o que puder ser mostrado em vez de falado é melhor.

4.2 Sobre a mensagem do vídeo

Use os 30 segundos iniciais do roteiro para transmitir, de forma resumida, a mensagem do vídeo, usando imagens marcantes combinadas com expressões fortes para, assim, captar a atenção do telespectador.

Construa uma narrativa em tom pessoal para instigar as emoções do público e fazê-lo pensar. Mas, faça isso de maneira respeitosa e não de forma sensacionalista. Empatia é fundamental. Quando nos colocamos no lugar do outro, sentimos os seus medos, as suas esperanças, os seus desejos e as suas negações.

A mensagem chega mais facilmente ao público e o toca de maneira mais profunda quando o conteúdo do vídeo tem relação com a vida do telespectador. **Mostre isso por meio de exemplos!**

Para dar um tom pessoal à narrativa, não basta usar a linguagem informal, cotidiana. **É preciso escolher os recursos visuais e sonoros mais apropriados para reforçar aquilo que se quer transmitir.**

A altura da voz, suas oscilações, por exemplo, devem ser testadas antes da gravação do vídeo e indicadas no roteiro.

A escolha entre um *close-up* e um plano americano (PA) também passa pela intenção do que se quer provocar: mais emoção, com ênfase para as expressões faciais do personagem, ou julgamento sobre a sua ação, enfatizando os movimentos corporais?

Dados e estatísticas de fontes confiáveis, quando inseridos no vídeo em forma de imagem, de áudio ou de texto, dão mais credibilidade à mensagem. Porém, o excesso de informação pode dispersar a atenção do público.

O jeito mais eficiente de prender a atenção das pessoas ainda é contando-se uma história. Por exemplo,

em vez de listar todos os sintomas provocados pela ingestão de um alimento contaminado, que tal contar a história de uma pessoa que passou por essa situação?

Nesse caso, o melhor final para o roteiro é, sem dúvida, uma chamada para a ação.

4.3 Sobre o áudio ou som

A captação do som é uma das ações mais difíceis da produção audiovisual. Para se obter um som limpo, com as vozes bem definidas, sem interferências ou ruídos, é preciso planejar.

Câmeras com entrada auxiliar de microfone ajudam a deixar o som do vídeo mais limpo. Mas, às vezes, só contamos com o microfone interno do tablet ou celular. Nesse caso, o melhor a fazer é procurar um lugar silencioso e manter o aparelho bem próximo de quem fala ou do som que se quer gravar.

As escolas são ambientes fechados e muito movimentado. Como o som não tem por onde se dispersar, ele entra pelo microfone junto com a fala do personagem.

Para gravar em ambientes externos, como uma rua ou avenida movimentada, também enfrentamos dificuldades. Precisamos repetir a fala quando somos surpreendidos por uma moto, um ônibus ou um carro barulhento.

Gravar no interior de veículos em movimento é pouco recomendável. O barulho do motor é alto e dificulta a audição daquilo que as pessoas estão dizendo. Além disso, temos túneis e corredores que geram eco ou reverberação. Depois, é muito difícil resolver o problema com os recursos de edição.

4.4 Sobre edição e montagem do vídeo

O trabalho de edição deve ser feito com muita responsabilidade, pois nessa etapa o vídeo ganha forma. Reunir todo o material gravado, colocá-lo em ordem, decidir o que entra e o que não entra na montagem do filme é um exercício de poder. Portanto, deve ser realizado de forma democrática.

Tecnicamente, hoje contamos com programas de computador bastante acessíveis para fazer esse trabalho, além de vídeos explicativos disponíveis na internet.

As câmeras digitais possuem dispositivos para ser conectadas com computadores. Mas é preciso que a câmera usada na gravação “converse” com o computador que será usado na edição. Na maioria das vezes, o cabo de conexão correto resolve a questão.



Não se esqueça de pedir por escrito autorização para o uso das imagens de todos que aparecem no vídeo. Menores de idade precisam de autorização assinada pelos responsáveis. Atualmente, muitas escolas solicitam autorização para o uso de imagens dos alunos no ato da matrícula. Verifique se é o caso da sua.

5. Atividades

1) Contar uma história – uma boa história – é sempre uma escolha inteligente quando se quer chamar a atenção do telespectador. Pensando nisso, propomos o exercício a seguir.

Criar uma história a partir de uma sequência de 3 a 4 imagens, preferencialmente aleatórias. Ao final do exercício, redigir uma **sinopse**, ou seja, um resumo da história (ponto de partida para a construção do roteiro).

1º) Apresentar o personagem central da história, o “herói” da narrativa: personalidade, aparência e objetivos.

2º) Identificar um conflito, isto é, um obstáculo entre o personagem e o seu objetivo.

3º) Imaginar uma solução para o conflito, ou seja, para o problema do “herói”.

4º) Desfecho ou final da história: o problema foi superado? Não se esqueça de inserir uma chamada para a ação.

2) Decupagem ao contrário: assistir um vídeo e escrever o roteiro, identificando cada cena com seus respectivos cabeçalhos.

Visite os sites abaixo:

BRASIL. Ministério da Educação. Oficina TV Escola de Produção de Vídeo.

Disponível em: **http://curtahistorias.mec.gov.br/images/pdf/dicas_producao_videos.pdf** Acesso: 26/01/2018.

TELA BRASIL. Disponível em: **<http://www.telabr.com.br/>** Acesso: 26/01/2018.



Programa Revitalização de Nascentes

Mais informações:
nascentes.sjc.sp.gov.br



PREFEITURA
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

www.SJC.sp.gov.br